

## **MEMÓRIA E MURO: AS MUDANÇAS NA CULTURA ESCOLAR E MEMÓRIA NO/SOBRE O CEEFF A PARTIR DA MODIFICAÇÃO DO MURO**

1. Bolsista Uefs, Graduando Em Licenciatura Em História, Universidade Estadual De Feira De Santana, jlpoeasadoleventes@Hotmail.Com
2. Ione Celeste Jesus De Sousa, Departamento De Ciências Humanas E Filosofia Universidade Estadual De Feira De Santana, ionecjs@gmail.com
2. Participante do projeto HISTEICE, Departamento Ciências humanas e filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, dchf@uefs.br
3. 4 Participante do projeto HISTEICE, Departamento Ciências humanas e filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, dchf@uefs.br

**PALAVRAS-CHAVE:** Muro, Violência e Cultura escolar.

### **INTRODUÇÃO**

O colégio Estadual Edite Ferreira Fonseca está localizado na cidade de Santo Estevão Ba, no bairro de Centro, considerado um dos redutos da violência urbana e da marginalidade da mesma. Foi implantado no ano (1979) e atende desde o ensino fundamental II até o ensino médio.

A partir do ano de (2009) o seu muro de separação com o exterior sofreu um considerável aumento sob o argumento de maior periculosidade na cidade. Entretanto, outros colégios e escolas que se localizam no seu entorno não tiveram esta atitude e nem tampouco exprimiram terem sido por esta violência.

Este projeto busca investigar compreender e analisar as representações sociais sobre a violência em Santo Estevão sob a ótica dos sujeitos da escola Edite Ferreira . A problemática em busca entender de que forma o aumento das dimensões do muro surgiu de um tipo específico de cultura escolar nesta e desta instituição escolar, sendo o muro um lugar da memória das relações sócias travadas entre a cidade e a escola. O presente trabalho se insere no campo da História da Cultural da Educação partindo de uma problemática que cruza as diferenças sociais como classe e identidades sócio-raciais nas representações sobre a Instituição escolar focada, seu espaço, seu muro e a violência na cidade de Santo Estevão.

### **MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)**

Como metodologia de pesquisa usarei entrevistas tanto de membros da comunidade escolar quanto da extraescolar para apreender as representações sobre a Violência urbana, sobre o espaço territorial da Instituição escolar em foco, e sobre a memória criada em torno deste colégio Também utilizarei documentos da burocracia escolar como anotações, cadernetas, atas de reuniões e termos de ocorrências para analisar quais os argumentos e práticas usados para a criação ou o aumento das dimensões do muro; em que momento esta decisão foi tomada.

### **RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)**

O curto período de tempo em que a pesquisa foi desenvolvida não permitiu chegar em discussões conclusivas, entretanto, um dos elementos latentes nas falas da

gestora do Colégio Estadual Professora Edite Ferreira (CEEFF), de Santo Estevão – BA, é que a violência existiu e que os preconceitos atribuídos a escola advenham pelos sujeitos que compõem o espaço escolar serem de estratos historicamente excluídos, nesse sentido, esta percepção se insere no que propõem Carmem Lúcia Guimarães de Matos e Maria Inês de Matos Coelho ao constatarem em seu trabalho “Violência na escola: reconstruindo e revisitando trajetórias de imagens de pesquisas produzidas no Núcleo de Etnografia em Educação Entre 1992 e 2007” que as questões relativas a violência escolar dialogam com elementos que são anteriores a própria escola e que, portanto, não são passíveis de compreensão fora de sua integridade, isto é, sem analisar os problemas na sociedade que antecede e dialoga com a escola, afinal, como bem pontua Arendt, embora a escola funcione como um elemento central para a sociabilidade ela não é o primeiro e na medida que novos sujeitos se inserem nesse espaço ela precisa lidar com novas questões. Entretanto, a violência, nesse trabalho, assume um valor secundário, na medida que a pretensão aqui é menos identificar as violências em sua totalidade. O que se espera com a leitura do muro é analisar quais elementos produzem um muro e qual a materialidade da percepção da violência no CEEFF, questionando se o muro representa uma violência da comunidade Escolar para o seu entorno ou se o vetor é oposto, aqui Carmem Lúcia Guimarães de Matos e Maria Inês de Matos Coelho também forneceram uma contribuição central que é a violência na sua extensão mais vasta, abordando tanto a violência que ocorre na escola, a produzida contra a escola e a que é operada pela escola enquanto instituição que Pierre Bourdieu chama de violência simbólica. Os tipos e níveis de violência não puderam ser analisados a fundo.

Outra expressão fundamental para a pesquisa é a de Cultura Escolar, como Hall elenca em seu texto “A Centralidade da Cultura Notas Sobre as Revoluções Culturais do Nosso Tempo”, onde o autor aborda a construção social da cultura e argumenta que qualquer instituição com normas e formas de abordar determinadas questões são produtoras de culturas, nesse sentido, a escola na medida que impõem regras e uma lógica própria de funcionamento e relacionamento com o mundo impõe a sua cultura aos seus membros forjando relações de poder e identidades. nesse sentido, o muro mais do que o elemento qualquer da arquitetura – se é que exista algo assim – demonstra qual a relação que a instituição estabelece com seu entorno. Aqui estão dois elementos que devido ao tempo não puderam ser suficientemente problematizados: o muro existe para proteger quem está dentro ou fora da instituição? E proteger de quem? As discussões trazidas por Dayrell nas suas obras “A Escola Como Espaço Sociocultural” e “A Escola “Faz” as Juventudes? Reflexão em Torno da Socialização Juvenil” trouxeram importantes contribuição para o trabalho, porquanto, enquanto no primeiro o autor analisa a estrutura escolar de um modo geral e as ressignificações produzidas pelos alunos, no segundo em um dos subtópicos ele trata especificamente a questão do muro e as relações estabelecidas com ele e o coloca como uma forma de permitir que a escola seja identificada pelos que estão fora delas. A identificação que se pretende também não ficou muito nítida, pesquisas posteriores certamente podem dar conta de resolver esta questão.

A condição da juventude que é analisada na segunda obra permite discutir como as violências dialogam com determinadas identidades no interior dos grupos juvenis e

além, disso situa o muro e a escola como um espaço de fronteira, na medida que impõe a necessidade dos jovens se posicionarem como alunos em um movimento que ou desconsidera a condição juvenil ou a submete a condição de alunos como se fosse uma coisa só e como pontua Costa a construção de uma identidade em uma fronteira é sempre problemática, porquanto, os elementos culturais distintos dificultam o estabelecimento de uma identidade mais coerente, ou seja, no limite da dicotomia escola e sociedade o que ocorre é que os alunos são frequentemente forçados a lançar mão de uma identidade pouco flexível e muito volátil, os efeitos disso e como os alunos dialogam que estas questões são outros elementos que requerem análise.

Do ponto de vista identitário outro autor que fornece elementos centrais para as construções das identidades raciais é Fannon, e se relaciona-lo ao comentário da diretora quando esboça que a quantidade de pessoas negras é um dos elementos que municia a percepção do colégio como um lugar perigoso, além do que, este autor apresenta um conceito de raça que dialoga com a questão da violência e dentro dela se constrói enquanto subjetividade, através de sua apropriação variadas questões relacionadas a estas categoria se tornam inteligíveis. De um modo geral o trabalho pretende analisar diferentes questões que devido ao tempo não puderam ser suficientemente abordadas, dentre elas, a cultura escolar, a violência, a identidade juvenil e a identidade socioracial são termos centrais para abordar a questão do muro no CEEFF quais diálogos e silenciamentos ele produz e como ele está inserido dentro de uma forma de perceber o mundo e como sua própria construção dialoga com referenciais específicos e passíveis de análise.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)**

O muro foi tanto reflexo de questões específicas quanto criou muitas delas, entretanto, para compreender tais questões um trabalho mais aprofundado precisará ser feito

### **REFERÊNCIAS**

COSTA, Gustavo Vilela Lima da. O muro invisível: a nacionalidade como discurso reificado na fronteira Brasil-Bolívia. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, vol.25, nº2. p.p 141-156

MATTOS, CLG., and COELHO, MIM. Violência na escola: reconstruindo e revisitando trajetórias e imagens de pesquisas produzidas por no Núcleo de Etnografia em Educação entre 1992 e 2007. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. *Etnografia e educação: conceitos e usos* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 195-219. ISBN 978-85-7879-190-2.

DAYRELL, Jurez. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, JUAREZ(Org.) *Multiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: ED. UFMG, 1999.

DAYRELL, Jurez. As escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*, v. 28, p. 1105-1128, 2007.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979. \_\_\_\_\_ . *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Rio de Janeiro, Fator, 1983.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. Cap. 2 (Os recursos para o bom adestramento) da Terceira parte (Disciplina); e Cap. 3 (O Cárcere) da quarta parte (A Prisão).

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. IN: *Revista Brasileira de História da Educação* , nº 01. Campinas, SP: 2001.

NOGUEIRA, Rosana Maria C. Del Picchia. (2004). *Violência na escola: em busca de definições*. São Paulo:

Psicopedagogia On Line. PINTO, Umberto de Andrade. Os desafios da escola pública contemporânea. Revista FAEEBA, v. 17, p. 89-104, 2008.